ReGeo ISSN: 2177-3246

AJUSTAMENTO OU NOVAS FORMAS DE CONJUGALIDADE PARA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA FRENTE AO LEGADO DA HETERONORMATIVIDADE: FRAGMENTOS DA EXPERIÊNCIA DE UM CASAL LONGEVO E SUAS SINGULARIDADES DE VÍNCULO AFETIVO

ADJUSTMENT OR NEW FORMS OF CONJUGALITY FOR MALE HOMOSEXUALITY IN THE FACE OF THE LEGACY OF HETERONORMATIVITY: FRAGMENTS OF THE EXPERIENCE OF A LONG-TERM COUPLE AND THEIR SINGULARITIES OF AFFECTIVE BOND

AJUSTE O NUEVAS FORMAS DE CONYUGALIDAD PARA LA HOMOSEXUALIDAD MASCULINA FRENTE AL LEGADO DE LA HETERONORMATIVIDADE: FRAGMENTOS DE LA EXPERIENCIA DE UNA PAREJA LONGEVA Y SUS SINGULARIDADES DE VÍNCULO AFECTIVO

https://doi.org/10.56238/revgeov17n9-084

Data de submissão: 16/08/2026 **Data de publicação:** 16/09/2026

Paulo Cesar Machado
Doutor em Educação
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
E-mail: pcmachado62@gmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender como um casal homossexual masculino longevo constrói e sustenta seus vínculos afetivos diante das pressões sociais e culturais da heteronormatividade. A pesquisa, de caráter qualitativo e configurada como estudo de caso, utilizou entrevistas semiestruturadas e observação das interações entre os participantes, ambos aposentados e com mais de trinta anos de vida conjugal, buscando identificar estratégias de ajustamento e resistência. O referencial teórico articula a psicanálise dos vínculos, com autores como Kaës, Puget, Berenstein e Quinet, à crítica da heteronormatividade e à teoria da performatividade de Judith Butler, além das contribuições de Giddens sobre a complexidade da sexualidade e de Morin sobre a pluralidade das estruturas familiares. Além disso, o estudo dialoga com contribuições brasileiras que evidenciam a influência de fatores relacionais, sociais e econômicos na qualidade da conjugalidade, reforçando a importância de compreender o ajustamento conjugal em contextos de diversidade. Os resultados demonstram que, apesar da invisibilidade e dos desafios impostos pelo preconceito, o casal construiu vínculos sólidos sustentados por respeito mútuo, acordos relacionais e resiliência, evidenciando que a qualidade da conjugalidade não depende da orientação sexual, mas de múltiplos fatores subjetivos e contextuais. Conclui-se que experiências de casais homoafetivos longevos desafiam paradigmas normativos, legitimam novas formas de conjugalidade e reforçam a necessidade de políticas públicas inclusivas e de uma Psicologia mais sensível à diversidade.

Palavras-chave: Conjugalidade. Heteronormatividade. Relação Homoafetiva. Performatividade. Psicanálise.

ABSTRACT

The present study aims to understand how a long-lasting male same-sex couple builds and sustains their affective bonds in the face of social and cultural pressures of heteronormativity. The research, of

qualitative nature and configured as a case study, used semi-structured interviews and observation of interactions between participants, both retired and with more than thirty years of conjugal life, seeking to identify adjustment and resistance strategies. The theoretical framework articulates the psychoanalysis of bonds, with authors such as Kaës, Puget, Berenstein and Quinet, with the critique of heteronormativity and Judith Butler's theory of performativity, in addition to Giddens' contributions on the complexity of sexuality and Morin's on the plurality of family structures. Furthermore, the study dialogues with Brazilian contributions that evidence the influence of relational, social and economic factors on the quality of conjugality, reinforcing the importance of understanding conjugal adjustment in contexts of diversity. The results demonstrate that, despite invisibility and challenges imposed by prejudice, the couple built solid bonds sustained by mutual respect, relational agreements and resilience, evidencing that the quality of conjugality does not depend on sexual orientation, but on multiple subjective and contextual factors. It is concluded that experiences of long-lasting same-sex couples challenge normative paradigms, legitimize new forms of conjugality and reinforce the need for inclusive public policies and a Psychology more sensitive to diversity.

Keywords: Conjugality. Heteronormativity. Same-sex Relationship. Performativity. Psychoanalysis.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo comprender cómo una pareja homosexual masculina longeva construye y sostiene sus vínculos afectivos frente a las presiones sociales y culturales de la heteronormatividad. La investigación, de carácter cualitativo y configurada como estudio de caso, utilizó entrevistas semiestructuradas y observación de las interacciones entre los participantes, ambos jubilados y con más de treinta años de vida conyugal, buscando identificar estrategias de ajuste y resistencia. El referencial teórico articula el psicoanálisis de los vínculos, con autores como Kaës, Puget, Berenstein y Quinet, a la crítica de la heteronormatividad y a la teoría de la performatividad de Judith Butler, además de las contribuciones de Giddens sobre la complejidad de la sexualidad y de Morin sobre la pluralidad de las estructuras familiares. Además, el estudio dialoga con contribuciones brasileñas que evidencian la influencia de factores relacionales, sociales y económicos en la calidad de la conyugalidad, reforzando la importancia de comprender el ajuste conyugal en contextos de diversidad. Los resultados demuestran que, a pesar de la invisibilidad y los desafíos impuestos por el prejuicio, la pareja construyó vínculos sólidos sustentados por respeto mutuo, acuerdos relacionales y resiliencia, evidenciando que la calidad de la conyugalidad no depende de la orientación sexual, sino de múltiples factores subjetivos y contextuales. Se concluye que las experiencias de parejas homoafectivas longevas desafían paradigmas normativos, legitiman nuevas formas de conyugalidad y refuerzan la necesidad de políticas públicas inclusivas y de una Psicología más sensible a la diversidad.

Palabras clave: Conyugalidad. Heteronormatividad. Relación Homoafectiva. Performatividad. Psicoanálisis.

1 INTRODUÇÃO

A homossexualidade, historicamente marcada por séculos de marginalização e invisibilidade, passou por importantes transformações sociais, científicas e jurídicas nas últimas décadas. No cenário nacional, conquistas marcantes como o reconhecimento jurídico da união estável homoafetiva pelo Supremo Tribunal Federal (STF) representaram passos fundamentais para a consolidação da cidadania de pessoas LGBT+. Contudo, a heteronormatividade ainda opera como um sistema de crenças estruturante e regulador das práticas sociais, afetivas e sexuais, impondo padrões que privilegiam a conjugalidade heterossexual e frequentemente deslegitimam ou invisibilizam arranjos afetivos dissidentes. Esse viés normativo reflete-se de forma acentuada na literatura acadêmica e psicológica brasileira, na qual a conjugalidade homoafetiva longeva e o processo de envelhecimento dessa população permanecem como campos de investigação científica ainda pouco explorados.

Diante desse panorama histórico e social, a presente pesquisa orienta-se pela seguinte questão orientadora: como um casal homossexual masculino longevo constrói e sustenta seus vínculos afetivos ao longo do tempo, sob as pressões sociais da heteronormatividade e do preconceito, e quais estratégias subjetivas e relacionais são mobilizadas para possibilitar o ajustamento conjugal em longo prazo?

A relevância deste estudo qualitativo justifica-se pela urgência de ampliar a compreensão acadêmica e social sobre os fatores subjetivos e relacionais que determinam a qualidade do ajustamento conjugal na diversidade, superando binarismos rígidos e paradigmas biológicos ou patologizantes que marcaram as ciências psicológicas clássicas. Do ponto de vista ético e social, o trabalho se justifica pela necessidade de oferecer subsídios práticos e teóricos à clínica de casal e família, contribuindo para que profissionais da Psicologia possam reconhecer, legitimar e acolher os laços homoafetivos sem replicar enquadramentos heteronormativos. Ademais, ao resgatar as narrativas de casais que resistem e sustentam laços por quase 40 anos, o trabalho reafirma princípios constitucionais e éticos essenciais, tais como a dignidade da pessoa humana, a pluralidade das estruturas familiares e o direito fundamental à busca pela felicidade.

Para responder a essas demandas, o objetivo geral consiste em investigar, sob a perspectiva da psicanálise dos vínculos e em diálogo com a crítica à heretonormatividade, as tensões entre possibilidade e impossibilidade de ajustamento conjugal em um casal homossexual masculino longevo, que sustenta vínculos afetivos e familiares significativos.

Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos objetivos específicos: caracterizar os vínculos afetivos e familiares desse casal; relacionar os achados com a teoria da performatividade de Butler e com a psicanálise contemporânea; analisar as dinâmicas de ajustamento conjugal a partir da psicanálise dos vínculos, considerando intimidade, conflito e sustentação da relação; investigar os

impactos da heteronormatividade sobre a vivência conjugal e familiar; explorar os limites e possibilidades do ajustamento conjugal em relações homossexuais longevas; e discutir as implicações dos achados para a compreensão crítica dos modelos de conjugalidade e família na contemporaneidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico compreende uma análise crítica e organizada da literatura pertinente, fornecendo contextualização teórica e definindo os conceitos-chave do estudo. Esta abordagem se organiza em torno de dois eixos complementares: a psicanálise dos vínculos e a crítica à heteronormatividade. No primeiro eixo, autores como Freud, Puget e Berenstein oferecem as bases para compreender o vínculo conjugal como realidade psíquica própria, marcada por transmissão, pactos e modos de pertencimento. Nesse contexto, a contribuição de René Kaës ganha relevância ao expandir a noção de intersubjetividade e destacar os pactos inconscientes como elementos estruturantes da vida a dois. Essa perspectiva é enriquecida pela produção brasileira contemporânea, que situa a clínica de casal em diálogo com contextos sociais e culturais específicos. O segundo eixo, fundamentado na crítica à heteronormatividade, problematiza as normas de reconhecimento social e discute como a heteronormatividade atravessa a vida cotidiana de casais homossexuais longevos.

2.1 PSICANÁLISE DOS VÍNCULOS: CONCEITOS CENTRAIS E APLICABILIDADE

A psicanálise dos vínculos oferece uma via teórica para compreender a conjugalidade como fenômeno que ultrapassa a soma de duas individualidades. O casal constitui uma configuração intersubjetiva, marcada por investimentos recíprocos, pactos, acordos, fantasias e modos de pertencimento que se transformam ao longo do tempo. Puget e Berenstein (1994) são referências fundamentais para essa leitura, pois deslocam o foco da análise exclusivamente intrapsíquica para a compreensão da estrutura vincular, na qual o encontro amoroso produz uma realidade psíquica própria, ainda que atravessada pelas histórias familiares e subjetivas de cada parceiro. Essa perspectiva é especialmente pertinente para estudar relações longevas. A duração de uma relação não se sustenta apenas pela ausência de conflito, mas pela capacidade de reorganizar tensões, elaborar diferenças e produzir continuidade em meio às transformações da vida.

Pignataro, Féres-Carneiro e Mello (2019) enfatizam que a escolha amorosa envolve dimensões conscientes e inconscientes, formando-se no cruzamento entre desejo, identificação, expectativas familiares e arranjos simbólicos que conferem sentido ao vínculo. O estudo da psicanálise de família e casal no Brasil, sintetizado por Gomes e Levy (2009), permite situar esse campo no interior da produção nacional, demonstrando que a clínica psicanalítica não se restringe à aplicação de conceitos

individuais ao par conjugal, mas requer categorias próprias para pensar intersubjetividade, alianças, transmissão psíquica e organização familiar. No caso de casais homossexuais, essa exigência se torna ainda mais sensível, pois os vínculos são atravessados por expectativas sociais que nem sempre reconhecem sua legitimidade. A discussão sobre repetição, transformação e transmissão psíquica, presente em Almeida e Romagnoli (2017), é importante para analisar de que modo modelos familiares herdados comparecem na vida conjugal.

Oliveira, Santos e Scorsolini-Comin (2010) abordam o vínculo amoroso homoafetivo em estudo qualitativo, aproximando o referencial psicanalítico do objeto desta investigação, de modo que a conjugalidade homoafetiva apareça como espaço de elaboração subjetiva e relacional. Bertran (2017) aprofunda esse caminho ao investigar a constituição do vínculo e o legado familiar heteronormativo em casais homossexuais longevos, mostrando que os vínculos de casais homoafetivos emergem em meio a expectativas familiares, marcas de reconhecimento, silenciamentos e formas de autorização simbólica. A contribuição de Lopreato (2019), ao analisar a conjugalidade homoafetiva feminina sob a ótica das alianças inconscientes, amplia a discussão sobre pactos e negatividade no campo das relações dissidentes, sendo a noção de alianças inconscientes útil para pensar como certos acordos não ditos participam da manutenção do vínculo. A realidade psíquica do vínculo conjugal é marcada por essas alianças inconscientes descritas por Kaës (2011), que constituem tanto a base de sua formação quanto os dispositivos de resistência e proteção.

2.2 CRÍTICA À HETERONORMATIVIDADE: BASES TEÓRICAS, IMPLICAÇÕES CLÍNICAS E SOCIAIS

A heteronormatividade pode ser compreendida como um regime que organiza expectativas sociais em torno da coerência entre sexo, gênero, desejo e formas legitimadas de parentesco. Butler (1990) questiona essa coerência ao mostrar que as identidades de gênero são produzidas por práticas reiteradas, e não por essência natural anterior à cultura. A crítica à matriz heterossexual permite analisar por que determinadas relações são prontamente reconhecidas como legítimas, enquanto outras precisam provar sua estabilidade, respeitabilidade ou valor afetivo para alcançar reconhecimento social. Em Undoing Gender, Butler (2004) amplia esse debate ao tratar das normas que tornam algumas vidas inteligíveis e outras precárias no campo do reconhecimento. A conjugalidade homoafetiva masculina longeva, nessa perspectiva, não é apenas uma relação privada entre dois sujeitos, mas uma experiência que negocia seu lugar diante de normas que definem quais vínculos podem aparecer como família, casal e projeto de vida.

Guacira Lopes Louro (2018) contribui para esse debate ao discutir sexualidade e teoria queer no contexto brasileiro, mostrando que os corpos e desejos dissidentes ocupam posições instáveis diante das normas. Sua reflexão auxilia a compreender que a heteronormatividade não se limita a discursos explícitos de rejeição; ela circula em gestos, expectativas, currículos afetivos, formas de nomeação e silêncios familiares. A discussão brasileira sobre cis-heteronormatividade na Psicologia, desenvolvida por Mattos e Cidade (2016), ajuda a deslocar a análise para o interior da própria produção psicológica. A crítica não se dirige apenas à sociedade em geral, mas também às formas pelas quais teorias, práticas e instituições podem reproduzir enquadramentos normativos. Lima, Bedê e Rocha (2023) oferecem uma articulação importante entre Butler e psicanálise, discutindo o fracasso das normas e a estranheza do gozo, mostrando que a norma não apenas proíbe ou exclui, mas também participa da constituição subjetiva.

Drehmer e Falcão (2019) reforçam que a psicanálise contemporânea precisa ser interrogada pelas diversidades sexuais e de gênero, impedindo que os conceitos psicanalíticos sejam utilizados como confirmação de normas binárias. Cavalheiro e Silva (2020) aprofundam esse debate ao discutir psicanálise e dissidências de gênero para além da diferença sexual, mostrando que a escuta clínica precisa estar atenta aos limites de seus próprios modelos. Silva, Tondin e Queiroz (2021), ao analisarem experiências familiares de homens gays, mostram como cuidado e proteção podem funcionar como mecanismos de manutenção da heteronormatividade, permitindo compreender que a família pode manifestar aceitação parcial e, simultaneamente, solicitar silêncio, discrição ou adequação. Rosa (2020) contribui para discutir como a norma heterossexual pode produzir impactos no cotidiano relacional, especialmente no que se refere à invisibilidade, à pressão social e às estratégias de permanência mobilizadas por casais homoafetivos.

2.3 CONJUGALIDADE HOMOAFETIVA LONGEVA NA LITERATURA ACADÊMICA BRASILEIRA

A revisão de literatura sobre conjugalidade homossexual demonstra que as relações entre pessoas do mesmo sexo vêm sendo progressivamente reconhecidas como objeto legítimo de investigação acadêmica. Mello (2005) analisa a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil, evidenciando que essas relações disputam reconhecimento no interior de uma ordem familiar marcada por pressupostos heterossexuais. Uziel, Mello e Grossi (2006) ampliam a discussão ao examinarem conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil, situando a emergência da visibilidade pública dessas experiências. Rodrigues e Boeckel (2016), em revisão sistemática sobre conjugalidade e homossexualidade, organizam um panorama da produção científica

e indicam temas recorrentes como preconceito, apoio social, homofobia e dinâmica conjugal. Mata, Santos e Scorsolini-Comin (2020) oferecem uma revisão integrativa demonstrando que a produção sobre conjugalidade homoafetiva precisa ultrapassar comparações normativas e observar experiências concretas em suas singularidades.

Bertran (2021) aborda diretamente conjugalidades longevas e vínculos de casais homoafetivos, mostrando que a permanência relacional envolve práticas de cuidado, negociação e elaboração de conflitos. Meletti e Scorsolini-Comin (2015), ao discutirem conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais, contribuem para compreender como projetos familiares emergem no interior das relações homoafetivas. Waseda *et al*. (2016) analisam as demandas do ciclo vital familiar e da aceitação social, oferecendo elementos para pensar os desafios de aceitação e os recursos conjugais mobilizados diante de pressões externas. Por fim, Miskolci *et al.* (2022) contribuem para contextualizar vulnerabilidades sociais e clínicas que atravessam a população LGBT+ no Brasil, reforçando que o vínculo conjugal não pode ser separado completamente do cenário social em que se inscreve.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste artigo delineia os procedimentos empregados para conduzir a pesquisa qualitativa, configurando-se como um estudo de caso qualitativo, fundamentado nos princípios metodológicos das Ciências Humanas, cujo objetivo é aprofundar a compreensão do objeto investigado sem pretensão de generalização estatística (Flick, 2018). O foco recai sobre a experiência de um casal homossexual masculino longevo, buscando dar visibilidade às suas vivências por meio da análise de fragmentos narrativos. A análise narrativa foi utilizada como recurso para acessar os modos de subjetivação e de construção relacional, em consonância com a hermenêutica de Ricoeur (1990), que valoriza a interpretação das narrativas como expressão da subjetividade. Essa escolha metodológica dialoga com os referenciais da psicanálise dos vínculos, que enfatiza a dimensão intersubjetiva das relações, e com a crítica à heteronormatividade proposta por Butler (1990).

3.1 PARTICIPANTES E CARACTERIZAÇÃO DA CONJUGALIDADE

Participaram da pesquisa um casal homossexual masculino com quase quarenta anos de vida conjugal, ambos aposentados, com formação em nível superior e sem filhos. A seleção ocorreu por indicação espontânea de amigos do pesquisador, a partir da disposição voluntária dos participantes em colaborar com o estudo. O critério político e metodológico norteador foi a longevidade da relação conjugal, assumida em sua orientação sexual e reconhecida como legítima. Para garantir o sigilo e a

ética da investigação, todos os dados que pudessem identificar os participantes foram alterados, preservando-se apenas a idade cronológica e o tempo de conjugalidade.

O Participante P1 tem 67 anos; é cioso quanto aos cuidados pessoais e independente financeiramente. Aposentado há 10 anos, foi servidor público da rede federal de ensino na área administrativa e de gestão, com pós-graduação em Gestão Pública. Sua escolha por Florianópolis teve por objetivo estudos de seminarista, porém optou por não continuar a formação na área. Retornava à sua cidade de origem, em zona rural, para visitas de comemorações e feriados. Sua ligação com os pais, de origem italiana, foi muito forte e respeitosa, e ele mantém bons laços com seus seis irmãos. Com a morte dos pais, herdou a casa onde foi criado.

O Participante P2 tem 64 anos, veste-se de forma mais despojada e demonstra liberdade quanto à divulgação de sua história de vida de forma solta e livre. Sétimo filho de uma família de nove irmãos, desenvolveu sua carreira em empresa privada e pública na área de Educação, aposentando-se como professor titular de rede federal de ensino. Hoje aposentado, é ativo nos estudos e na produção acadêmica. P2 cresceu numa família de cultura açoriana em Florianópolis. Seus pais criavam laços de idades mais próximas, e ele estabeleceu laços mais sólidos de afetividade com o irmão caçula. Com a morte dos pais, a família alicerça-se nos princípios e lembranças compartilhados.

Durante os quase quarenta anos de conjugalidade, P1 e P2 experimentaram dois modelos de arranjo doméstico. Durante cerca de 12 anos dividiram o mesmo teto, um apartamento. No restante do tempo, moraram cada qual no seu próprio espaço, atualmente em duas casas individuais localizadas em praias de Florianópolis. O casal possui também um apartamento na zona central, utilizado para quando têm compromissos urbanos ou para acomodar parentes e amigos. Suas rendas são independentes, mas são combinadas quando necessário para projetos comuns. Atualmente não viajam com frequência devido ao apego aos animais de estimação. Ambos se declaram reservados socialmente, mas mantêm um círculo de amizades de longa data, composto por outros casais gays e heterossexuais, irmãos e sobrinhos. Os embates ideológicos são deixados para a arena social e política externa, mantendo-se fora da convivência mais íntima.

Como forma de sintetizar as características dos participantes e da dinâmica do casal, a Tabela 1 apresenta uma caracterização detalhada das dimensões individuais e conjugais analisadas:

Tabela 1. Caracterização individual e conjugal dos participantes P1 e P2.

Dimensão Analisada	Participante P1	Participante P2
Idade e Perfil	67 anos, cioso com cuidados pessoais, calvo, aparência jovem.	64 anos, descontraído, veste-se de forma despojada, calvo.
Trajetória Profissional	Servidor público federal aposentado (Administração e Gestão Pública).	Professor titular federal aposentado (Área de Educação).
Origem Familiar	Família de origem italiana, caçula de sete irmãos, educado para ser padre.	Família de cultura açoriana em Florianópolis, sétimo de nove irmãos.
Arranjo de Moradia	Casa individual de praia; coabitação de 12 anos no passado; apto central comum.	Casa individual de praia; coabitação de 12 anos no passado; apto central comum.
Dinâmica Financeira	Renda independente; propriedades individuais e comuns; orçamento conjugado.	Renda independente; propriedades individuais e comuns; orçamento conjugado.
Vínculo Familiar Estendido	Padrinho de filho de amiga heterossexual; vínculo ativo há 36 anos com afilhado.	Acompanhou a adoção do afilhado de P1; forte compromisso afetivo familiar.

Fonte: Elaborada pelos próprios autores a partir de fragmentos narrativos da pesquisa.

A Tabela 1 evidencia que, apesar das origens familiares e percursos profissionais distintos, os participantes compartilham uma sólida estrutura socioeconômica e arranjos habitacionais flexíveis que asseguram tanto a autonomia individual quanto a proximidade afetiva, fundamentando a longevidade da união de quase 40 anos.

3.2 INSTRUMENTOS, COLETA DE DADOS E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A pesquisa gerou dados a partir de entrevistas conduzidas pelo pesquisador com os dois participantes no domicílio do casal, gravadas em áudio em formato de falas livres com duração de quatro horas. Complementarmente, utilizou-se um roteiro semiestruturado composto por blocos temáticos focados na história das famílias de origem, trajetória individual, trajetória compartilhada e percepção do vínculo matrimonial (Lüdke; André, 1986). A análise foi conduzida de forma interpretativa a partir de cinco categorias previamente definidas: (a) trajetória conjugal e vínculos afetivos e familiares; (b) ajustamento conjugal e estratégias de resistência; (c) impactos da heteronormatividade e preconceito; (d) possibilidades e limites do ajustamento vincular; e (e) implicações clínicas e sociais.

O estudo foi conduzido em conformidade com as normas éticas de Pesquisa com Seres Humanos da Emil Brunner World University (EBWU). Ambos os participantes assinaram o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido. Foram plenamente assegurados o anonimato e a confidencialidade das informações por meio da alteração de quaisquer dados que pudessem identificar os participantes direta ou indiretamente, preservando-se estritamente apenas as idades cronológicas e o tempo de conjugalidade das narrativas colhidas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e discussões são apresentados de forma articulada com o referencial teórico adotado, organizando-se em cinco subseções analíticas estruturadas com base nas narrativas e no campo intersubjetivo observado durante as interações do casal.

4.1 A TRAJETÓRIA CONJUGAL E OS VÍNCULOS AFETIVOS E FAMILIARES

A contemporaneidade tem favorecido o surgimento de configurações conjugais mais flexíveis e igualitárias, impulsionadas por transformações sociais e políticas que buscam dar voz e visibilidade a populações historicamente marginalizadas, como a comunidade LGBT+. Nesse contexto, casais homoafetivos passaram a ensaiar novos arranjos conjugais performativos, construindo formas legítimas e satisfatórias de ajustamento conjugal, sustentadas pela coesão e pela cumplicidade de suas relações. Muitas vezes, tais vínculos foram fortalecidos pela experiência de discriminação social e pelo enfrentamento da heteronormatividade desde o início de suas trajetórias, inclusive no âmbito familiar. Esse processo contribuiu para a criação de laços baseados em cumplicidade e resistência, como se depreende dos depoimentos de P1 e P2 ao narrarem o início de sua história conjugal, há quase quarenta anos, em um dia de setembro de 1986:

> P1: Num dia de setembro de 1986 passeando no centro de Florianópolis vi de longe um rapaz que chamou minha atenção por ser bonito, baixo, por ser um pouco delicado e tinha uma bundinha muito bonita [...] fui num bar e de repente vejo este mesmo rapaz por lá e aí meu coração acelerou [...] pois tínhamos trabalho no dia seguinte [...] A sintonia foi perfeita. Cada um seguiu seus afazeres, suas rotinas mantendo contato e ficando junto sempre que possível [...] eu morava sozinho por isso nos encontrávamos sempre lá já que ele morava com amigos. [...] me sentia feliz. Tinha clareza nos meus sentimentos e queria vivenciar sempre mais nossa relação. Naquela época havia preconceito, mas não impediu de viver nossa vida [...] nos hotéis, pedíamos cama de casal sem nenhum constrangimento. [...] Aos poucos inserimos nossas famílias nas nossas vidas, mas sem muitos detalhes da relação.
> P2: Nos conhecemos no centro da cidade onde moramos [Florianópolis], em frente à catedral, em horário de almoço, ele aguardava para retorno da tarde e eu passei rápido na correria de universidade quando fazia graduação. [...] encontramos num final de semana (domingo) em um bar LGBT [...] no dia seguinte já tínhamos nossas atividades de estudo e trabalho. [...] Não me imaginava em um momento atarefado ser flechado pelo cupido, mas foi acolhedor e reorganizador para minha vida. [...] Iniciou uma construção mútua, nos apoiávamos e fortalecíamos no carinho, sexo, não somente no sentido físico, mas quanto ao companheirismo, no apoio em situações que passamos a viver juntos, somando forças. [...] Problemas de ordem pessoais e indefinições com perspectivas de novas expectativas para o futuro.

Nas narrativas de P1 e P2, é possível destacar elementos fundamentais para compreender os arranjos conjugais longevos em contexto homoafetivo, especialmente no que diz respeito à família, à significação do encontro e aos indícios de enfrentamento da norma heterossexual. Nos fragmentos de P1, observa-se uma estratégia de aproximação gradual das famílias, o que revela tanto o desejo de legitimar a conjugalidade quanto o cuidado em lidar com possíveis tensões sociais. A literatura aponta que a família de origem é um espaço central de enfrentamento da heteronormatividade, sendo frequentemente marcada por silenciamentos e resistências (Morin, 1977; Butler, 1990). O encontro inicial é descrito por P1 como experiência de clareza afetiva, enquanto P2 enfatiza o caráter transformador e acolhedor do encontro em um momento de atribulações acadêmicas, inaugurando uma trajetória marcada pela cumplicidade e pelo apoio mútuo.

O enfrentamento à heteronormatividade aparece de forma explícita na fala de P1 ao descrever a naturalidade com que solicitavam cama de casal em hotéis. Esse gesto, aparentemente simples, constitui uma prática de resistência cotidiana, afirmando a legitimidade da relação em espaços tradicionalmente regulados pela norma heterossexual. P2 complementa ao destacar que a sustentação da relação está ancorada em práticas de cuidado, intimidade e companheirismo, elementos que a psicanálise dos vínculos reconhece como fundamentais para a manutenção dos laços afetivos (Kaës, 2007).

A presença da família aparece como elemento regulador e legitimador da relação. P1 destaca a tranquilidade da mãe ao saber que ele não estava morando sozinho, o que demonstra como a transmissão psíquica geracional influencia a forma de se vincular. Isso de acordo com Scorsolini-Comin e Santos (2016), segundo a qual há uma herança psíquica transmitida entre gerações, consciente ou inconsciente, que influencia diretamente os modos de amar e de se vincular. No caso de P1, essa transmissão se torna estruturante, legitimando sua relação e oferecendo um modelo de durabilidade e confiança.

Na narrativa de P1, observa-se a predominância da estrutura três, ou terceiridade ampla, na qual os parceiros reconhecem suas diferenças e compartilham significados. Puget e Berenstein (1994) afirmam que, nessa estrutura, os parceiros constroem um vínculo capaz de se fortalecer a partir das divergências, promovendo crescimento conjunto e maturidade relacional. Isso se evidencia quando P1 relata que, mesmo morando separados atualmente, continuam a realizar projetos comuns e a manter a intensidade afetiva. A convivência é narrada como intensa e cotidiana, expressando o vislumbre do futuro e a motivação do casal para transformar as adversidades em força para a manutenção do vínculo.

4.2 AJUSTAMENTO CONJUGAL E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

As narrativas de P1 e P2 permitem uma análise comparativa consistente sobre como esses parceiros elaboram o ajustamento conjugal e constroem estratégias de resistência diante dos desafios da convivência cotidiana, confirmando os achados da literatura nacional e internacional:

> P1: Num dado momento, conversamos sobre morar juntos, pois seus amigos pretendiam vender a casa. Com a divisão da venda da casa, ele comprou um apto, mas resolveu continuar morando juntos e alugar o imóvel. Foi muito bom compartilhar nossas vidas. Fazíamos planos, planejávamos nossas despesas, buscávamos realizar nossos sonhos e um cuidava do outro. Nosso propósito foi de ambos terem independência financeira. Minha mãe ficou bem tranquila, pois sabia que eu não estava morando sozinho [...]. Desta forma, a gente seguia cada um com sua independência financeira, nossos projetos sempre foram em comum acordo. Não existia o meu dinheiro e o dinheiro dele, era tudo nosso. [...] A convivência hoje em dia, mesmo morando em casas separadas (praias), é muito intensa. Temos muito carinho e afeto um pelo outro. Não me vejo sem viver tudo isso. Nossa relação faz parte do meu viver.
> P2: [...] Os conflitos sempre foram vistos como inevitáveis, mas também como oportunidades de crescimento. Eles são compartilhados e enfrentados com coragem, mesmo em meio a sofrimento, choros e esperança. As diferenças, longe de afastar, se tornaram parte da construção do casal, pois sempre se busca compreender o ponto de vista do outro. Nem sempre é tranquilo, mas a confiança sustenta o caminho. [...] A estratégia que manteve a relação foi o amor aliado à confiança, que abriu espaço para conversas, mesmo quando demoraram a acontecer [...]. Publicamente, o casal sempre foi discreto, sem levantar bandeiras gratuitamente, mas nunca deixou de se posicionar quando necessário. O silêncio, em alguns momentos, foi usado como forma de convivência, ainda que tivesse seu preço [...]. Na participação em redes de apoio LGBTQIA+, sempre houve atenção às organizações e manifestações maiores, especialmente em São Paulo, acompanhando avanços jurídicos, como a decisão recente pela União Estável. [...] O espaço de convivência mais importante é a própria residência, que se tornou lugar de encontros entre amigos homossexuais e simpatizantes. Além disso, o social se estende a bares, shows e danceterias, criando uma rede de apoio e amizade que fortalece a vida em comum.

As narrativas evidenciam conexões sociopolíticas que articulam experiências empíricas de conjugalidade homoafetiva em escala micro com debates em escala macro. Em P1, o ajustamento conjugal se dá pela cooperação material e simbólica, aproximando-se do conceito de 'amor confluente' descrito por Giddens (1993), sustentado pela reciprocidade e pela igualdade entre os parceiros, sem necessidade de legitimação externa. Já em P2, o ajustamento se manifesta pela comunicação cotidiana e pela presença constante, confirmando os achados de Salomé, Espósito e Moraes (2007), que identificaram o diálogo como elemento central para a resolução de crises e para a manutenção da vida em conjunto.

Os conflitos e diferenças aparecem de forma distinta nas duas narrativas. P1 relata que, mesmo morando em casas separadas, existe muita confiança, mostrando que o casal lida com a autonomia e a distância sem perder a coesão, em consonância com Mossmann, Lomando e Wagner (2007), que observaram maior adaptabilidade em casais homossexuais do que em heterossexuais. P2, por sua vez, evidencia diferenças na relação com as famílias: enquanto ele interagia de forma frequente com seus

familiares e contava com visitas de P1 à casa de seus pais, os familiares de P2 residiam mais próximos, facilitando interações locais. A afirmação pública da relação se dá pela naturalização gradual no âmbito familiar e pela inserção em redes de amizade comuns (Rodrigues; Boeckel, 2016).

Ao ampliar a discussão teórica e conectar as narrativas ao debate sobre religião e conservadorismo no Brasil, observa-se consonância com o pensamento de Ronaldo de Almeida (2017). O autor demonstra como a chamada 'onda conservadora' e a ascensão da bancada evangélica criaram um campo de disputa simbólica e política em torno da conjugalidade homoafetiva. Nesse cenário, as experiências de P1 e P2 não podem ser compreendidas apenas como práticas privadas, mas também como atos de resistência inscritos em um contexto social marcado por tensões entre reconhecimento e exclusão. Butler (2015) reforça que cada ato de afirmação cotidiana performa novas formas de existência e resistência política, ampliando a legitimidade das relações dissidentes.

4.3 IMPACTOS DA HETERONORMATIVIDADE E PRECONCEITO

Pelo foco nos impactos da heteronormatividade e do preconceito, os fragmentos das narrativas de P1 e P2 revelam diferentes formas de enfrentamento das barreiras simbólicas e sociais impostas pela normatividade sexual:

> P1: Vivemos nossa vida sem dar importância para possíveis comentários. É evidente que isso ocorre, mas o importante é manter o respeito e ir em frente. Sempre foi prioridade na minha vida a independência financeira, ter minha casa, meu emprego e não depender de ninguém. Não tenho necessidade de falar sobre minha sexualidade e individualidade com todo mundo. Não importa para eles, não vai mudar a vida deles. O importante é estar bem comigo. Vivo o que preciso viver. Esse assunto não é explícito na minha família. [...] pelo fato de morar distante da minha família. Até porque não dei muita abertura para as intromissões [...]. Vivemos o que tínhamos que viver com autenticidade [...]. Fomos sempre juntos em todos os lugares sem nenhum constrangimento. [...] não vivenciamos pressões para [nos enquadrarmos] em padrões heterossexuais.
> P2: A vida conjugal de um casal homossexual masculino de 40 anos é atravessada por impactos da heteronormatividade [...]. Com o tempo, [meu] parceiro foi sendo reconhecido como parte da família, especialmente [por minha] mãe, que o acolheu como filho, e assim, mesmo sem verbalizar, a relação passou a ser concebida como um casamento [...]. No convívio social, os efeitos foram mais intensos [...] A sensação era de estar sempre na contramão, como se [fôssemos] estranhos no ninho. [...] A invisibilidade tornou-se uma estratégia de resistência, pois muitas vezes era mais fácil não se expor do que enfrentar olhares e comentários preconceituosos. Ainda assim, em círculos de confiança, o casal afirmava sua existência, mostrando que amar diferente também é legítimo. [...] a identidade conjugal, exigindo adaptação em situações cotidianas. [...] [evitávamos] demonstrações públicas de afeto, mas [permanecíamos] juntos, reafirmando o vínculo. No trabalho...em momentos de abertura [assumíamos] a relação, quebrando a lógica da invisibilidade. Em espaços institucionais (consultas médicas ou reuniões escolares), [reivindicávamos] direitos e reconhecimento como casal, enfrentando diretamente as pressões para se enquadrar em padrões heterossexuais. [...] A resistência cotidiana se expressa em pequenos gestos: estar lado a lado em ambientes hostis, construir redes de apoio entre amigos acolhedores [...] A invisibilidade protege, mas também desgasta; a resistência, por sua vez, fortalece e abre brechas para novas formas de reconhecimento.

As narrativas mostram como os impactos da heteronormatividade e do preconceito se inscrevem na vida conjugal e familiar. P1 enfatiza a independência financeira e a autenticidade como formas de autopreservação, mantendo sua sexualidade como tema não explicitado na família de origem, o que configura uma resistência silenciosa ao regime normativo. Já P2 descreve os efeitos da heteronormatividade no convívio social, relatando a sensação de estar 'na contramão' e a necessidade de recorrer à invisibilidade seletiva como estratégia de proteção. A aceitação gradual do parceiro pela mãe de P2 contrasta com o estranhamento social, mostrando que o reconhecimento familiar pode coexistir com a exclusão pública. Em consultas médicas ou situações escolares (relacionadas ao afilhado do casal), o casal reivindica direitos e afirma sua identidade conjugal.

A teoria queer de Judith Butler (1990) contribui para compreender essas práticas como performances que desafiam a matriz heteronormativa. Ao afirmar a relação, mesmo em meio à invisibilidade ou ao silêncio familiar, os parceiros produzem resistências que ampliam os horizontes de reconhecimento. A psicanálise dos vínculos, conforme Puget e Berenstein (1994), evidencia que os laços conjugais funcionam como fator de proteção psíquica diante da exclusão, revelando a ambivalência entre invisibilidade e resistência. Freud (1967), ao reconhecer a homossexualidade como posição libidinal legítima, já apontava para a possibilidade de compreender tais vínculos como expressões válidas da subjetividade.

4.4 POSSIBILIDADES E LIMITES DO AJUSTAMENTO VINCULAR

Os limites e desafios da convivência do casal longevo são reconhecidos não como falhas estruturais, mas como oportunidades de constante negociação e reinvenção do vínculo conjugal:

> P1: Companheirismo, cuidados diários e permanentes, cumplicidade, estar sempre juntos, preocupação um com o outro, se ajudar em qualquer necessidade. [...] Conversas com verdades sobre o que nos aflige, nos incomoda e sobre situações que possam colocar nossa relação em perigo [...]. Construímos nossa relação com a nossa cara, do nosso jeito, não baseada em modelos. Cada um com sua independência. Um modelo construído por nós. Acho que a nossa diferença dos modelos tradicionais está no respeito de cada um com sua individualidade, em saber ouvir o outro, suas dores e suas limitações e suas alegrias, seus sucessos e fracassos.
> P2: [...] Os limites e desafios são muitos, a começar pelo próprio desgaste do tempo e as mudanças corporais e de saúde. Há também as diferenças de ritmos e de interesses pessoais, que exigem paciência e negociação constante. Em alguns momentos, o distanciamento temporário foi necessário para podermos respirar e renovar o ar da relação. Não se trata de separação, mas de criar espaços de saudade e de reencontro. [...] O amor cotidiano é silencioso, mas persistente. Ele se expressa nos cuidados mútuos, na paciência com os limites do outro e na partilha de silêncios confortáveis [...]. Acredito que a longevidade da relação se deve à nossa capacidade de não idealizar o outro nem a relação, aceitando as imperfeições e as falhas como parte do caminho.

Os depoimentos revelam vínculos afetivos sustentados por valores sólidos. Em P1, o companheirismo e o cuidado diário aparecem como pilares fundamentais, traduzidos em apoio mútuo e disponibilidade constante. Em P2, o 'amor cotidiano' se manifesta em gestos simples e na confiança mútua. P1 enfatiza a importância das conversas francas baseadas na verdade diante de situações que possam ameaçar a relação, enquanto P2 aponta que o distanciamento temporário e a partilha de silêncios foram fundamentais para evitar desgastes e renovar a convivência. Esses elementos revelam a plasticidade da conjugalidade, em que o manejo de conflitos é parte constitutiva da dinâmica amorosa.

Esse cenário dialoga com Freud (2016), que reconheceu a multiplicidade de formas de desejo, indicando que a vida afetiva não se reduz a normas rígidas. A longevidade dos casais homoafetivos reforça que a estabilidade e a legitimidade das relações dependem do afeto e da negociação, e não da conformidade a padrões fixos (Roudinesco, 2003). A performatividade cotidiana descrita por P1 e P2 pode ser entendida como resistência simbólica, pois os parceiros demonstram que a estabilidade conjugal depende da capacidade de reinventar continuamente o vínculo, exercendo papel protetor contra a opressão social (Bertran, 2021).

Esse dinamismo vincular se reflete também na participação do casal na adoção do afilhado de P1. Ao aceitarem o compromisso de acompanhar o menino desde bebê até a vida adulta (hoje com 36 anos, casado e com filho), o casal estabeleceu laços de filiação e transmissão psíquica geracional que desafiaram a carência de respaldo legal da época. Sob a perspectiva de Scorsolini-Comin e Santos (2016), os vínculos familiares homoparentais ou de coparentalidade funcionam como espaços de reelaboração e transmissão criativa de afeto, demonstrando que o essencial na transmissão psíquica entre gerações é a solidez dos vínculos subjetivos, e não a orientação sexual dos provedores do cuidado.

4.5 IMPLICAÇÕES CLÍNICAS E SOCIAIS

A categoria analítica das implicações clínicas e sociais revela um chamado direto à cidadania sexual da comunidade LGBT+, projetando para o futuro um olhar renovado sobre o reconhecimento das diversidades:

> P1: Acredito que alguns aspectos de nossa relação podem servir para outros casais, mas cada casal deve cultivar suas próprias necessidades na vivência do dia a dia para a felicidade de cada um [...]. O código civil prevê a legitimidade. No entanto, as partes precisam manifestar interesse com documentação junto ao cartório [...]. Acabar com o preconceito. Permitir que as pessoas possam viver plenamente com liberdade sem sofrer violência física e moral [...]. Uma relação vivenciada e assistida pela sociedade por muitos anos.
> P2: [...] a experiência mostra que vínculos homoafetivos sustentados por amor, confiança e afetividade cotidiana são tão legítimos quanto os tradicionais, e que práticas de saúde devem reconhecer essa realidade sem enquadrar o casal em padrões heteronormativos. O

> reconhecimento clínico precisa valorizar a resiliência conjugal[...] recursos que fortalecem a saúde emocional e relacional. [...] a vivência transmite mensagens de esperança e inspiração para outros casais homossexuais, mostrando que é possível construir uma vida duradoura e digna mesmo diante de preconceitos. [...] são necessárias expectativas culturais que ampliem a inclusão das sexualidades dissidentes, criando espaços de acolhimento e políticas públicas que validem diferentes formas de amar. [...] O significado de ser um casal longevo no Brasil é profundo. [...]afirmação da identidade e abertura de caminhos para que outros possam viver suas relações com menos medo e mais liberdade. [...] é também um marco social, pois desafia padrões, inspira novas práticas clínicas e fortalece a luta por reconhecimento e inclusão [...]. Essa trajetória contribui diretamente para impactos positivos na saúde emocional [...]. Ao mesmo tempo, projeta para o futuro uma sociedade mais aberta, capaz de valorizar casais homoafetivos como parte essencial da diversidade humana.

As narrativas permitem compreender que a conjugalidade homoafetiva longeva no Brasil se configura como um testemunho de resistência e inclusão, com implicações que ultrapassam a esfera privada. Em P1, destaca-se a valorização da liberdade e a superação do preconceito, sustentando que a vivência prolongada é uma prova pública de legitimidade. Em P2, a ênfase recai sobre a legitimidade dos vínculos sustentados por amor e confiança cotidiana, destacando que práticas de saúde e protocolos clínicos devem reconhecer essa realidade sem enquadrar os casais em padrões heteronormativos. A experiência é fonte de esperança para outros casais, mostrando que é possível construir uma vida duradoura e digna.

Essas narrativas articulam-se com a psicanálise contemporânea que, ao reconhecer a performatividade da identidade (Butler, 1990; 2004), desloca o foco da busca por essências fixas para a escuta das formas singulares de subjetivação. A clínica psicanalítica deve legitimar as conjugalidades dissidentes, valorizando a resiliência conjugal e as alianças inconscientes estruturantes que dão suporte à vida a dois. Do ponto de vista social, os relatos evidenciam a necessidade de políticas de acolhimento que validem diferentes formas de amar, consolidando a cidadania sexual e a dignidade humana discutida por Dias (2001) e Uziel (2008a,b).

5 CONCLUSÃO

Este estudo reafirma o objetivo de investigar, sob a perspectiva da psicanálise dos vínculos e em diálogo com a crítica à heteronormatividade, as tensões entre possibilidade e impossibilidade de ajustamento conjugal em um casal homossexual masculino longevo. O objetivo foi plenamente alcançado, uma vez que as narrativas analisadas revelaram estratégias de resistência, práticas de cuidado e projetos compartilhados que sustentaram a relação ao longo de quase quatro décadas, confirmando a coerência entre o problema formulado, a metodologia delineada e os resultados obtidos.

Os principais achados demonstram que o ajustamento conjugal não se constrói pela ausência de conflitos, mas pela capacidade de enfrentá-los em conjunto, sustentados por confiança, diálogo e

solidariedade. As estratégias de resistência elaboradas pelo casal, ora defensivas frente à heteronormatividade, ora estruturantes, garantiram estabilidade e crescimento mútuo. A legitimidade dos vínculos homoafetivos foi reafirmada, mostrando que relações longevas desafiam modelos normativos e ampliam o reconhecimento social das conjugalidades dissidentes. Além disso, observou-se que elementos herdados das famílias de origem foram reelaborados, legitimando a relação e oferecendo modelos singulares de durabilidade e confiança baseados no afeto.

A relevância científica deste trabalho encontra-se na contribuição para a Psicologia, ao oferecer subsídios teóricos e clínicos para compreender vínculos homoafetivos longevos e ampliar o campo da psicanálise dos vínculos e da teoria de gênero. Socialmente, o estudo fortalece o reconhecimento da pluralidade das estruturas familiares, reafirmando princípios como a dignidade da pessoa humana e o direito à felicidade. Na prática clínica, oferece elementos para que profissionais possam legitimar e acolher experiências dissidentes, superando preconceitos ainda presentes em contextos institucionais.

Reconhece-se, contudo, que se trata de um estudo de caso qualitativo focado na experiência de um casal específico, o que limita a generalização estatística dos resultados para toda a diversidade das conjugalidades homoafetivas masculinas brasileiras. Essas limitações, longe de fragilizar o estudo, demonstram rigor e honestidade científica, ao mesmo tempo em que abrem espaço para novas investigações. Recomenda-se que pesquisas futuras explorem a vivência de outros casais homoafetivos longevos de diferentes recortes sociais, econômicos e regionais; investiguem os impactos específicos do envelhecimento na conjugalidade LGBT+ face à ausência de políticas públicas setoriais; e analisem a homoparentalidade sob a ótica da transmissão vincular geracional psicanalítica.

Ao relacionar os resultados obtidos com os achados de outros pesquisadores, evidencia-se uma forte complementaridade. Rosado, Barbosa e Wagner (2016) demonstraram que variáveis contextuais e relacionais influenciam o ajustamento conjugal, o que converge com este estudo ao identificar a transmissão geracional como fator estruturante da relação. De modo semelhante, Bertran (2021) mostrou que vínculos amorosos podem se manter estáveis mesmo sob invisibilidade social se amparados por acordos mútuos e respeito à alteridade, o que se confirma nas narrativas de P1 e P2. Em convergência, Oliveira e Sei (2018) reforçam que casais homoafetivos elaboram modelos conjugais próprios apoiados em pactos inconscientes, conclusão ratificada pela presente investigação. A partir dessas evidências, conclui-se que a psicanálise contemporânea encontra nas conjugalidades dissidentes um campo fértil e ético para transformar a clínica em um espaço de acolhimento e reconhecimento subjetivo, assegurando aos sujeitos as condições necessárias para exercer sua cidadania e expressar plenamente sua dignidade.

AGRADECIMENTOS

O autor expressa seus profundos agradecimentos aos participantes da pesquisa que generosamente compartilharam suas narrativas e vivências íntimas de conjugalidade, tornando possível este estudo. Agradece também à banca examinadora e à Emil Brunner World University pelo suporte institucional e acadêmico para o desenvolvimento desta investigação científica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Eunides; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Assim como nossos pais? Conjugalidade: repetição, transformação e criatividade. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652017000200006&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jun. 2026.

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda conservadora: religião e política na conjuntura atual. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 107, p. 19-40, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/Cr9ShrVJbCWsDHMrxTDm3wb/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 fev. 2026.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E INTERSEXOS. Vivências LGBT e diversidade sexual. Curitiba: ABGLT, 2026. Disponível em: https://abglt.org.br/vivencias-lgbt. Acesso em: 1 maio 2026.

BERTRAN, Déa E. A constituição do vínculo e o legado familiar heteronormativo em casais homossexuais longevos, femininos e masculinos. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-03102017-175454/pt-br.php. Acesso em: 14 jun. 2026.

BERTRAN, Déa E. Conjugalidades longevas: os vínculos amorosos de casais homoafetivos. Contextos Clínicos, São Leopoldo, v. 14, n. 1, p. 1-20, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822021000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jun. 2026.

BRASIL. Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/lgbt/campanhas-lgbtqia/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em: 10 fev. 2026.

BUTLER, Judith. Gender trouble: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. Notes toward a performative theory of assembly. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

BUTLER, Judith. Undoing gender. New York: Routledge, 2004.

CAVALHEIRO, Rafael; SILVA, Milena da Rosa. Psicanálise e dissidências de gênero: questões para além da diferença sexual. Revista Subjetividades, Fortaleza, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2359-07692020000300009&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jun. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Adoção: um direito de todos e todas. Brasília: CFP, 2008.

DIAS, Maria Berenice. União homoafetiva: o preconceito e a justiça. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2001.

DREHMER, Luciana Balestrin Redivo; FALCÃO, Carolina Neumann de Barros. Para além da concepção binária cis-heteronormativa: a psicanálise interrogada pelas diversidades sexuais e de gênero. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 39, n. spe 3, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/bYwgbGcjjntxrxmGS365YYy/?format=html. Acesso em: 14 jun. 2026.

FLICK, Uwe. An introduction to qualitative research. London: Sage, 2018.

FREUD, Sigmund. Carta à mãe de um homossexual. In: FREUD, Sigmund. Correspondência. Rio de Janeiro: Imago, 1967.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. Obras completas. Volume 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: permanência e mudança. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GOMES, Isabel Cristina; LEVY, Lidia. Psicanálise de família e casal: principais referenciais teóricos e perspectivas brasileiras. Aletheia, Canoas, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-03942009000100013&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jun. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico: nupcialidade e família. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102230. Acesso em: 10 fev. 2026.

KAËS, René. A realidade psíquica do vínculo. Petrópolis: Vozes, 2011.

KAËS, René. Un singulier pluriel: la psychanalyse à l'épreuve du grupo. Paris: Dunod, 2007.

LIMA, Vinícius Moreira; BEDÊ, Heloísa Moura; ROCHA, Guilherme Massara. Butler e a psicanálise: do fracasso das normas à estranheza do gozo. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 43, e248976, p. 1-15, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-3703003248976.

LOPREATO, Marina Roquette. Entre-nós: uma análise da conjugalidade homoafetiva feminina sob a ótica das alianças inconscientes. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_c72c77a5bb46be7ba97b3cff437cff5a/Details. Acesso em: 14 jun. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MATA, Joziana Jesus da; SANTOS, Manoel Antônio dos; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Conjugalidade e parentalidade em casais homossexuais e heterossexuais: revisão integrativa da

literatura. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 94-108, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt&pid=S1679-494X2020000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jun. 2026.

MATTOS, Patrícia; CIDADE, Maria. Não foi bom pai, nem bom marido: conjugalidade e parentalidade em famílias separadas de baixa renda. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 32, n. esp., 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne215.

MELETTI, Alexandre Trevisani; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Conjugalidade e expectativas em relação à parentalidade em casais homossexuais. Revista da SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 3-17, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lng=pt&pid=S1516-36872015000100004&script=sci_abstract. Acesso em: 14 jun. 2026.

MELLO, Luiz. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. Cadernos Pagu, Campinas, n. 24, p. 89-119, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/d357G9dYTP7sNVQSkJp576p/?format=pdf. Acesso em: 14 jun. 2026.

MISKOLCI, Richard *et al.* Desafios da saúde da população LGBTI+ no Brasil: uma análise do cenário por triangulação de métodos. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 27, n. 10, p. 3815-3824, 2022. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/csc/2022.v27n10/3815-3824/pt/. Acesso em: 14 jun. 2026.

MORIN, Stephen F. Heterosexual bias in psychological research on lesbianism and male homosexuality. American Psychologist, Washington, v. 32, n. 8, p. 629-635, ago. 1977. Disponível em: https://psycnet.apa.org/record/1978-11378-001. Acesso em: 10 fev. 2026.

MOSSMANN, Clarisse; LOMANDO, Eduardo; WAGNER, Adriana. Dimensões de coesão e adaptabilidade conjugal em casais heterossexuais e homossexuais. Psicologia: Teoria e Prática, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 44-56, 2007.

OLIVEIRA, Gustavo Chagas; SEI, Maíra Bonafé. Vínculo amoroso homoafetivo e psicanálise: um estudo qualitativo. Trends in Psychology, Ribeirão Preto, v. 26, n. 4, p. 1689-1705, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tpsy/a/G3BTrNKnDKQXdbGCW3BGngt/?format=html. Acesso em: 14 jun. 2026.

OLIVEIRA, Jéssica Cristina; SANTOS, Manoel Antônio dos; SCORSOLINI-COMIN, Fábio. Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 26, n. 3, p. 475-483, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ptp/a/kCzSN6Jhxj36NKtxBbtxh7n/?lang=pt. Acesso em: 10 fev. 2026.

PIGNATARO, Marina Beatriz; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MELLO, Renata. A formação do casal conjugal: um enfoque psicanalítico. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 96-110, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2019000100004&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jun. 2026.

PUGET, Janine; BERENSTEIN, Isidoro. Psicanálise do casal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

QUINET, Antonio. A psicanálise e a homossexualidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

RICOEUR, Paul. Soi-même comme un autre. Paris: Seuil, 1990.

RODRIGUES, Vicente; BOECKEL, Mariana. Conjugalidade e homossexualidade: uma revisão sistemática de literatura. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 55, p. 96-109, 2016. Disponível em: http://www.revistanps.com.br/nps/article/view/138. Acesso em: 10 fev. 2026.

ROSA, Marcelo Ricardo. Os efeitos da opressão heteronormativa nos relacionamentos homoafetivos. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 11, n. 3, p. 20-39, 2020. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/36566/0. Acesso em: 14 jun. 2026.

ROSADO, Juliana Szpoganicz; BARBOSA, Paola Vargas; WAGNER, Adriana. Ajustamento conjugal: a função das características individuais, do casal e do contexto. Psicologia em Pesquisa, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p. 26-33, 2016. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/274992. Acesso em: 10 fev. 2026.

ROUDINESCO, Elisabeth. A família em desordem. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SALOMÉ, Geraldo Magela; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha; MORAES, Ana Lúcia Horta de. O significado de família para casais homossexuais. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 60, n. 5, p. 559-563, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/cWH5945prfyh8nk6nvgQGmF/?lang=pt. Acesso em: 10 fev. 2026.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Construir, organizar, transformar: considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 141-159, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-56652016000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 10 fev. 2026.

SECRETARIA NACIONAL DOS DIREITOS DAS PESSOAS LGBTQIA+. Agenda Nacional de Enfrentamento à LGBTQIAfobia. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2025.

SILVA, Welligton Magno da; TONDIN, Celso Francisco; QUEIROZ, Isabela Saraiva de. Experiências familiares de homens gays: cuidado e proteção como mecanismos de manutenção da heteronormatividade. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 275-294, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?lang=pt&pid=S1808-42812021000400007&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jun. 2026.

UZIEL, Anna Paula. Adoção: um direito de todos e todas. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2008a.

UZIEL, Anna Paula. Homoparentalidade: novas famílias. Rio de Janeiro: Garamond, 2008b.

UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz; GROSSI, Miriam. Conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 481-497, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/gSct3sZRNvqFC8q97JNMSRN/?format=html. Acesso em: 14 jun. 2026.

WASEDA, Daniela *et al.* Casais homoafetivos femininos: demandas do ciclo vital familiar e aceitação social. Pensando Famílias, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 58-72, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2016000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jun. 2026.